

FERNANDO ARAÚJO COSTA E ANTONIO FERREIRA COLCHETE FILHO

## Arte pública e devir: o ensino remoto, a pandemia e o projeto de paisagens híbridas

*Public art and becoming: remote education, the pandemic and the project of hybrid landscapes*

*Arte público y devir: la enseñanza remota, la pandemia y el proyecto de paisajes híbridos*

### Fernando Araújo Costa

Doutorando em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com período sanduíche na Universidad Politécnica de Madrid (UPM, 2023). Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2020) – com intercâmbio acadêmico na École Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse (Ensa, 2017) – e é mestre em Ambiente Construído pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2022).

*PhD student at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) with a sandwich stay at the Universidad Politecnica de Madrid. He received a bachelor's degree in Architecture and Urbanism (2020) – with an academic exchange at École Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse (2017-2018) – and a master's in Built Environment (2022) from the Federal University of Juiz de Fora (UFJF).*

*Estudiante de doctorado en Urbanismo por la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ) con estancia de investigación doctoral en la Universidad Politécnica de Madrid (UPM, 2023). Graduado en Arquitectura y Urbanismo por la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2020) – con intercambio en la École Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse (Ensa, 2017) – y master en Ambiente Construido en la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2022).*

fernando.costa@fau.ufrj.br

### Antonio Ferreira Colchete Filho

Arquiteto e Urbanista (UFRJ). Doutor em Ciências Sociais (UERJ). Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAU/UFJF). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PQ/CNPq - nível 2).

*Architect and Urbanist (UFRJ). Doctor in Social Sciences (UERJ). Full Professor of Architecture and Urbanism at Federal University of Juiz de Fora (FAU/UFJF). Research Productivity Scholarship of National Council for Scientific and Technological Development (PQ/CNPq - level 2).*

*Arquiteto y Urbanista (UFRJ). Doctor en Ciencias Sociales (UERJ). Profesor Titular de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Juiz de Fora (FAU/UFJF). Investigador becario de productividad del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (PQ/CNPq nivel 2).*

antonio.filho@ufjf.br

### Resumo

A pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e atingiu, particularmente, o Brasil desde o início do ano de 2020, resultou profundas modificações metodológicas com a introdução do chamado Ensino Remoto Emergencial. No presente artigo, buscase a apresentação de nossas reflexões acerca da arte pública pensada como tema de atividades projetuais no âmbito da disciplina obrigatória “Projeto Paisagístico II” do currículo oferecido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. A metodologia utilizada pela disciplina inclui a exposição e debate de conteúdos históricos, teóricos e técnicos que se coadunem com o projeto da paisagem, através de exercícios individuais e em grupo. Neste artigo, descrevemos experiências durante o ensino remoto e repassamos autores-chave que fundamentam as atividades, e que culminou com o projeto de um memorial às vítimas da pandemia. Conclui-se que o exercício foi também instrumento às reflexões teóricas e críticas dos discentes diante do complexo encontro da arte, com os cidadãos, mediados pelos espaços públicos contemporâneos, onde nota-se a multiplicidade, a hibridização de formatos e suportes para o exercício narrativo da Memória no contexto urbano.

**Palavras-chave:** Arte pública. Mobiliário urbano. Projeto paisagístico. Pandemia.

### Abstract

*The Covid-19 pandemic that has hit the world and particularly Brazil since the beginning of 2020, has resulted in profound methodological changes with the introduction of the so-called Emergency Remote Education. In this article, we seek to present our reflections on public art thought as a theme of project activities within the compulsory discipline "Landscape Design II" of the curriculum offered by the Faculty of Architecture and Urbanism of the Universidade Federal of Juiz de Fora, Brazil. The methodology used by the discipline includes the exhibition and debate of historical, theoretical and technical contents that are consistent with the landscape project, through individual and group exercises. In this article, we describe experiences during remote teaching and review key authors that support the activities, which culminated in the project of a memorial to the victims of the pandemic. It is concluded that the exercise was also an instrument for the theoretical and critical reflections of students in the face of the complex encounter of art, with citizens, mediated by contemporary public spaces, where we can notice the multiplicity of the hybridization of formats and supports for the narrative exercise of Memory in the urban context.*

**Keywords:** Public art. Urban furniture. Landscape design. Pandemic

### Resumen

*La pandemia de Covid-19 que asoló el mundo y afectó particularmente a Brasil desde el inicio del año 2020, dio lugar a profundas modificaciones metodológicas con la introducción de la llamada Enseñanza Remota de Emergencia. En el presente artículo, se busca la presentación de nuestras reflexiones acerca del arte público pensada como tema de actividades proyectuales en el ámbito de la asignatura obligatoria "Proyecto Paisajístico II" del currículo ofrecido por la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. La metodología utilizada por la asignatura incluye la exposición y debate de contenidos históricos, teóricos y técnicos que se ajustan al diseño del paisaje, a través de ejercicios individuales y en grupo. En este artículo, describimos experiencias durante la enseñanza remota y repasamos autores clave que fundamentan las actividades, y que culminó con el proyecto de un memorial a las víctimas de la pandemia. Se concluye que el ejercicio fue también instrumento a las reflexiones teóricas y críticas de los discentes ante el complejo encuentro del arte, con los ciudadanos, mediados por los espacios públicos contemporáneos, donde se nota la multiplicidad, la hibridación de formatos y soportes para el ejercicio narrativo de la Memoria en el contexto urbano.*

**Palabras clave:** Arte público. Mobiliário urbano. Proyecto paisajístico. Pandemia.

## Introdução

O decreto legislativo nº 6 de 20 de março de 2020 reconheceu para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública no Brasil. A pandemia se estenderia por dois anos, com um quadro agravado pela demora de vacinas, resultando no falecimento de mais de setecentas mil vidas, número expressivo se comparado à população de outros países. Assistimos perplexos, diariamente, cartografias dolorosas e gráficos que nada mais tinham a ver com a frieza inerente aos números e projeções matemáticas. Os corpos discente e docente viram-se apartados do seu máximo lugar de ação na sociedade, a sala de aula. Em uma instituição pública, como a Universidade Federal de Juiz de Fora, não mais se pôde frequentar os edifícios, nem mesmo usufruir plenamente de seu campus que configura uma das maiores e mais importantes áreas verdes livres e de lazer da cidade. O retorno das atividades on-line ocorreu apenas no mês de setembro de 2020, seis meses após a eclosão da pandemia.

O ambiente digital da sala de aula tornou-se, assim, um refúgio. A disciplina de Projeto Paisagístico II, oferecida ao 7º período, é obrigatória para a integralização do currículo oferecido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora e teve de ser repensada para comportar os anseios, dores, angústias e esperanças de todos nós enquanto comunidade acadêmica e cidadãos. Neste espaço dedicado à leitura da cidade e de suas particularidades à luz do Paisagismo Urbano, algumas dinâmicas precisaram ser reformuladas no intuito de contornar a impossibilidade de deslocamentos extensivos pelas vias públicas, sobretudo em momentos extremos de infecção e ausência de vacinação para a faixa etária deste grupo.

Tivemos, desse modo, a partir da pandemia de Covid-19 e da aplicação do ensino remoto, a necessidade de lidarmos com a apreensão da paisagem urbana, quase unicamente, através de meios digitais. Algo, talvez, impensável anteriormente, afinal, as metodologias clássicas, sejam da forma urbana (Lynch, 1960; Panerai, 1999) quanto experienciais (Cullen, 1961; Careri, 2002) apontam na direção de procedimentos in loco para realização do diagnóstico da paisagem, uma vez que a arquitetura e o urbanismo são atividades essencialmente de compreensão do contexto, da vivência nos lugares, do devir.

Entretanto, o revés provocado pelo distanciamento da vida urbana cotidiana foi ressignificado com a possibilidade de compartilhamento de tantas novas paisagens, acompanhadas por histórias, memórias e desafios. A única paisagem possível sem o atravessamento das telas, foi aquela descortinada a partir da janela de cada um. O público e o privado mesclaram-se em nosso convívio, e muitas das vezes o recorte da câmera era concorrente à própria paisagem observada. Viajamos sem sairmos de casa por Minas, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Manaus e inclusive para Namíbia, país originário de um de nossos discentes. Assim, foram quatro períodos realizados, integralmente, no modo virtual, pois o retorno às aulas presencialmente se daria apenas em maio de 2022.

## Os desafios da experiência remota em Projeto Paisagístico II

Originalmente, a disciplina de Projeto Paisagístico II organizava-se em torno da progressiva compreensão pelos grupos de alunos de uma determinada área de Juiz de Fora, Minas Gerais. Entre entregas intermediárias, pesquisas, aulas expositivas

## Arte pública e devir: o ensino remoto, a pandemia e o projeto de paisagens híbridas

Public art and becoming: remote education, the pandemic and the project of hybrid landscapes

Arte público y devir: la enseñanza remota, la pandemia y el proyecto de paisajes híbridos

e leituras, os discentes eram convidados a organizar, desde um diagnóstico até o estudo preliminar de um projeto paisagístico urbano, com propostas de intervenção repartidas entre a macro (paisagem) e a microescala (espaço público). Com a pandemia e a impossibilidade de se reproduzir esta dinâmica, a disciplina se reestruturou em três etapas: 1) Paisagem da janela; 2) Anatomia da Rua; e 3) Memorial. Como fio condutor, a *memória*, que, exercitada entre as esferas pública e privada, configurou um método para enfrentarmos o nosso distanciamento enquanto coletivo e proponentes da cidade e de sua arquitetura.

A memória foi evocada no exercício *Paisagem da janela* através de reminiscências que estavam perdidas em “algum lugar cheio de afeto”, como disseram alguns alunos. Consistiu em um exercício de tradução da paisagem que, em tempos de isolamento social, criasse uma ponte com o mundo exterior: arborização, os mares de morros, os fios que rasgam o céu, os maciços de concreto; ruas vazias ou movimentadas; vizinhos indiscretos; portanto, toda sorte de interpretação que a constante vigilância deste “portal” poderia identificar. Assim surgiram as referências aos objetos ordinários, como um vaso de planta, um poste, uma cortina ou a moldura da própria janela – por vezes, ironicamente, portando sua própria grade. Estes elementos cotidianos, se tornaram suporte para nossa primeira discussão e para a introdução do desafio que seria continuar pensando projetos com impactos sobre a paisagem para a cidade, sem poder experienciá-la fisicamente.

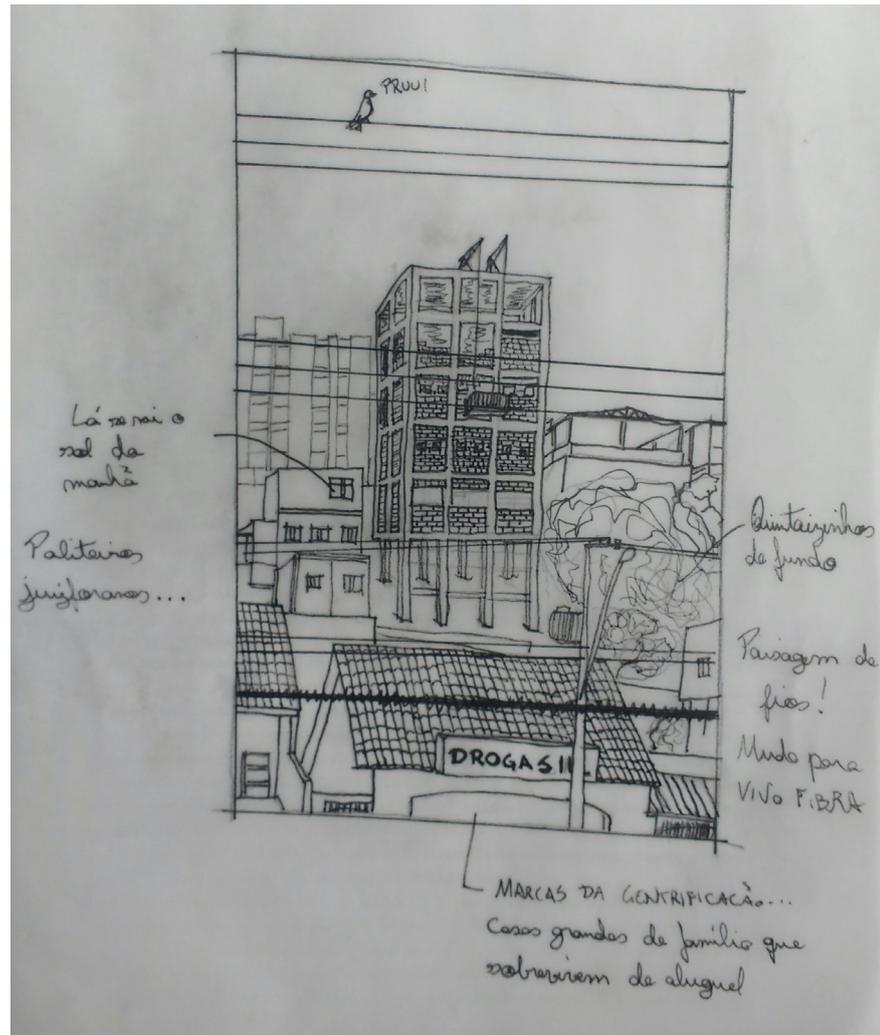


FIGURA 1 e 2 - Desenhos de alunos que demonstram as muitas interpretações desta atividade. Alguns exploraram aspectos materiais da paisagem, enquanto outros a abordaram de modo subjetivo.

Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFPE.

## Arte pública e devir: o ensino remoto, a pandemia e o projeto de paisagens híbridas

Public art and becoming: remote education, the pandemic and the project of hybrid landscapes

Arte público y devir: la enseñanza remota, la pandemia y el proyecto de paisajes híbridos

FIGURA 1 e 2 (cont.)- Desenhos de alunos que demonstram as muitas interpretações desta atividade. Alguns exploraram aspectos materiais da paisagem, enquanto outros a abordaram de modo subjetivo.

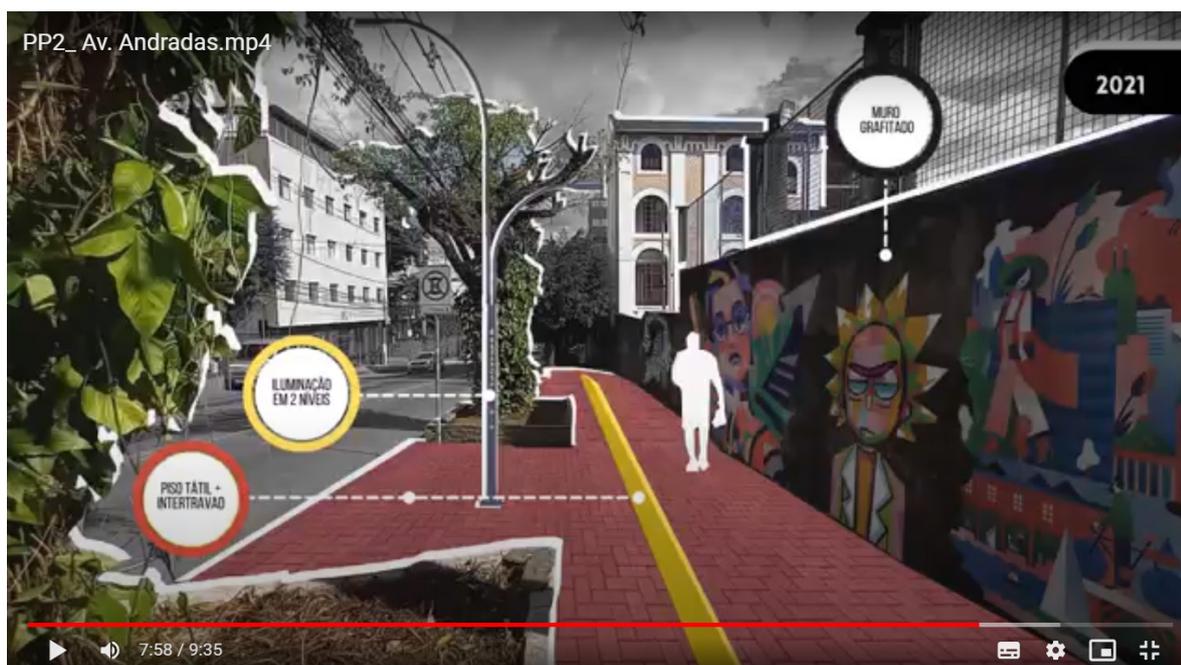
Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFJF.



FIGURA 3 e 4 - Projetos de intervenção na escala da rua. As imagens demonstram como o formato de apresentação foi substituído por visitas virtuais em vídeo.

Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFJF.

O segundo exercício passou por dois momentos distintos: primeiro, quando ainda não era indicado sair às ruas e aqueles que tivessem condição de permanecer em isolamento social deveriam fazê-lo, e um segundo, quando a circulação foi retomada gradativamente. Em comum, na *Anatomia da rua*, os discentes eram chamados a revisitar e compreender a história, os usos e as transformações de suas próprias ruas. Ali, a memória precisou ser ativada (e representada) de formas diferentes. Aspectos positivos e felizes foram evocados, bem como, conflitos entre vizinhos, má conservação das calçadas ou lixo acumulado. Uma relação com o primeiro exercício se fez possível, com constantes alusões dos discentes à “janela” como aquela que evoca o ambiente privado e mais controlado da casa, enquanto a “rua” referindo-se ao espaço público, mas que, mediado pelo poder público, pode flutuar entre um maior ou menor controle. Com o abrandamento das medidas restritivas, a dinâmica da disciplina pôde retornar à sua divisão por grupos, e estes puderam, novamente, percorrer, mesmo que limitadamente, a cidade em busca de áreas às quais o redesenho paisagístico parecia ainda mais urgente.



## Arte pública e devir: o ensino remoto, a pandemia e o projeto de paisagens híbridas

Public art and becoming: remote education, the pandemic and the project of hybrid landscapes

Arte público y devir: la enseñanza remota, la pandemia y el proyecto de paisajes híbridos

FIGURA 3 e 4 (cont.) - Projetos de intervenção na escala da rua. As imagens demonstram como o formato de apresentação foi substituído por visitas virtuais em vídeo.

Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFJF.



FIGURA 5 e 6 - Projeto em Manaus/AM: os integrantes do grupo, cada um em suas cidades, optaram por referenciar a dramática situação enfrentada pela capital amazonense durante a pandemia.

Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFJF.

E o Memorial, como proposta de conclusão do semestre, representou a junção de nosso desejo em direcionar a disciplina à produção de um lugar de memória e homenagem às vítimas da pandemia ao estímulo da prática do projeto como um produto construído coletivamente, como a cidade, pano de fundo das discussões neste exercício: *o espaço público das práticas sociais e manifestações contemporâneas em curso*. Movidos por um sentimento e desejo de liberdade, propôs-se a escolha de espaços que fossem igualmente desconhecidos e inexplorados para um *memorial*, mas que guardassem uma relação importante com o contexto que se queria reforçar. Este exercício, para além do desenho de uma forma tão cara à dimensão cultural do meio urbano, foi também instrumento às reflexões teóricas e críticas dos discentes diante do complexo encontro da arte com o cidadão nos espaços públicos, bem como a multiplicidade e a hibridização de formatos e suportes para o exercício narrativo da memória no contexto das cidades em crise.



## Arte pública e devir: o ensino remoto, a pandemia e o projeto de paisagens híbridas

Public art and becoming: remote education, the pandemic and the project of hybrid landscapes

Arte público y devir: la enseñanza remota, la pandemia y el proyecto de paisajes híbridos

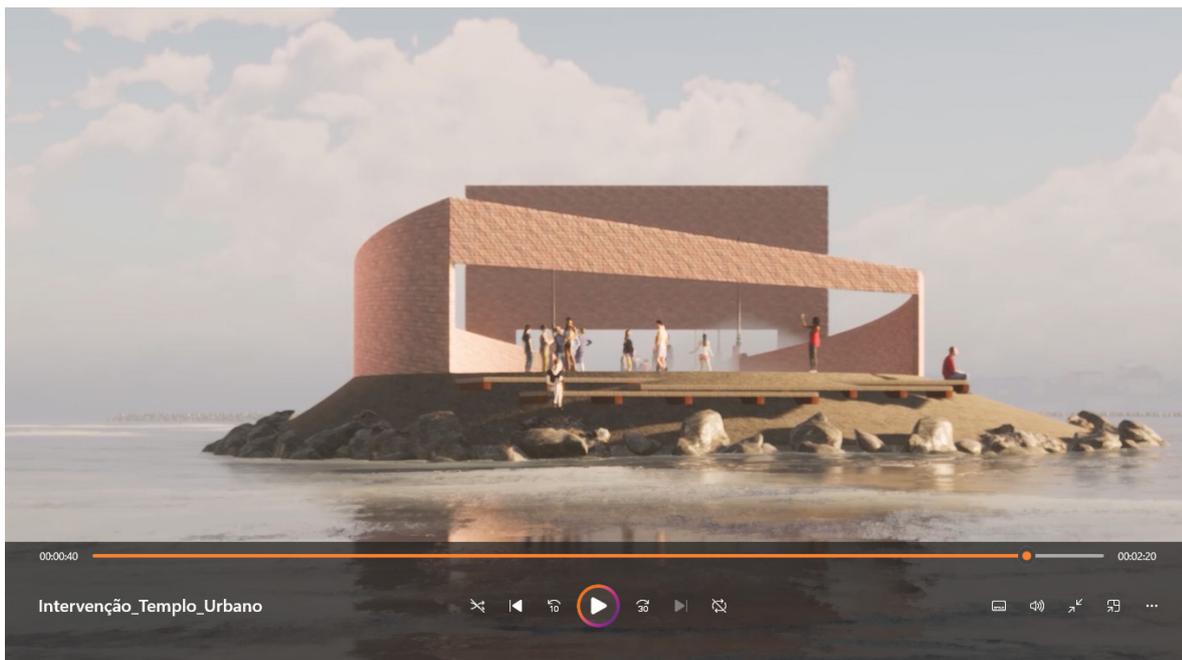
FIGURA 5 e 6 (cont.) - Projeto em Manaus/AM: os integrantes do grupo, cada um em suas cidades, optaram por referenciar a dramática situação enfrentada pela capital amazonense durante a pandemia.

Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFJF.



FIGURA 7 e 8- Projeto em Fortaleza/CE: o discente trouxe discussões teórico-conceituais próprias e igualmente referenciou a dramática situação em outra cidade brasileira.

Fonte: Acervo da disciplina de Projeto Paisagístico II, FAU/UFJF.



Acreditamos, inclusive, que terminado o período pandêmico, mas marcados permanentemente por esta experiência, escrevemos, por meio deste texto, a própria memória das atividades realizadas, ou desta estratégia emergencial desenhada para contornarmos o distanciamento físico entre nós mesmos e a cidade. Sublinhando o exercício final, afirmamos ser a arte pública – e sua articulação com os demais elementos urbanos – uma estratégia não só de projeto na escala do desenho urbano, mas principalmente, instrumento no campo subjetivo das políticas de memória e de seu impacto no espaço público. E imersos em um ambiente até então inédito para as aulas, com câmeras – muitas desligadas por dificuldades técnicas ou pessoais –, o ensino remoto exigiu criatividade para que os conteúdos das disciplinas não fossem perdidos, sobretudo, naquelas disciplinas teórico-práticas, onde a atividade de projeto tem suas especificidades. Em suma, memória e paisagem andaram especialmente juntas nesse tempo também.

## Os elementos urbanos como metodologia de Projeto Paisagístico

A complexidade inerente à proposta, e em certa medida almejada, foi controlada por um repertório bibliográfico, brevemente comentado a seguir. Os textos-chave disponibilizados para leitura e debate foram *Entre o paraíso e o inferno*, do professor Nicolau Sevcenko (1998), e *Lugares para un “arte público”*, do professor Javier Maderuelo (2008), além da leitura anterior de o *Estudo sobre o mobiliário urbano no Rio de Janeiro: a experiência do Projeto Rio Cidade - Leblon e Vila Isabel*, de Antonio Colchete Filho (2000).

Em Sevcenko (1998), partimos de uma perspectiva histórica que aponta para os novos paradigmas da Modernidade: avanços tecnológicos, industrialização, cultura de massas e o gosto estético pela simplificação formal e cromática. Neste cenário, discute-se a *Torre Eiffel* como monumento sintético daqueles ideários na esteira de uma sociedade megalopolizada e liberal. Entretanto, diante do desenvolvimento urbano em descompasso com políticas sociais, e assim, um distanciamento significativo de parcelas da população da produção e usufruto da cidade, tem-se a emergência de um novo monumento paradigmático, o *Veículo para os Sem-teto*, criado por Krzysztof Wodiczko em 1989. Igualmente metálico, mas horizontalizado, esse instrumento-cápsula de sobrevivência é móvel, imprevisível e difuso, e “em vez de centralizar o espaço público, anuncia [seu] colapso em simultaneidade com o colapso da cidadania” (Sevcenko, 1998, p.143). Dessa maneira, somos levados à reflexão do papel que a arte pública assume na contemporaneidade quando encaradas as questões socioespaciais latentes nos espaços públicos urbanos, de denúncia, bem como, de ativismo.

Em Maderuelo (2008), percorremos trabalhos artísticos que, paulatinamente, ganharam escala e passaram a interagir com a paisagem urbana. Para tal, o autor opera o conceito de especificidade do lugar – ou *site-specificity* – citando artistas que exploram dicotomias entre o público e o privado, bem como a denúncia da mercantilização da arte, através de *earthworks* e da *landart* – principalmente por sua capacidade de produzir novas leituras sobre a paisagem natural, inclusive urbana. Além disso, Maderuelo sublinha a necessidade de um franco diálogo entre arquitetos, urbanistas e artistas quando atuarem, conjuntamente, em projetos urbanos. Finalmente, interroga a própria razão de ser da arte pública observando na poética de Siah Armajani, certa “não-convencionalidade” que tensiona as leituras do espectador em relação à obra e ao contexto.

Os textos complementam, principalmente, a compreensão que se pretende dos chamados elementos urbanos. Por esta terminologia, toma-se um conjunto de

instrumentos que articulam diferentes funções nos espaços públicos, desde atributos funcionais à simbólicos, e que se inscrevem tanto no cotidiano quanto na história urbana. Didaticamente, algumas distinções fazem-se necessárias, por isso a apresentação da arte pública e do mobiliário urbano como conceitos autônomos e imprescindíveis ao estudo do espaço público com vista ao projeto paisagístico urbano, como enfatizado por Colchete Filho (2000).

Temos, dessa maneira, o mobiliário urbano como a expressão que abarca desde compreensões mais “duras” contidas, usualmente, em manuais técnicos de projeto urbano, às mais “sensíveis” pensando a interação do sujeito com o objeto no espaço. Creus (1996) advoga o uso do termo “elemento urbano”, pois “mobiliário” aparece estreitamente ligado à ideia de mobília ou decoração, afastando-se dos dilemas contemporâneos mais complexos explicitados no espaço público. Além disso, o autor define três diferentes dimensões de sua composição: a funcionalidade (do objeto e de seu contexto); a racionalidade (formal e produtiva) e a emotividade (resposta emocional sobre o indivíduo e, portanto, aquela que integra o seu valor de uso ao artístico, que se faz necessário à sua melhor relação com o espaço) (Creus, 1996).

Já por arte pública, apresentou-se um amplo cenário de interpretações, seja a monumentalidade escultórica advinda da Antiguidade, até as práticas contemporâneas contextuais, relacionais e mesmo desmaterializadas. É, novamente, Maderuelo (2000) nossa referência aqui. Através do texto *O fenômeno da arte nos espaços públicos*, o autor apresenta seis grupos possíveis para organização deste fenômeno: monumentalidade, significado, comemoração, utilidade, qualidade ambiental e capacidade participativa. A primeira categoria baseia-se na transformações produzidas sobre o espaço basicamente pela presença da obra; a segunda, opera através da adição de certo conteúdo crítico alterando o sentido do termo monumento; a terceira, parte de uma revisão quanto às estratégias formais do monumento; a quarta, renúncia à condição formal da arte mimetizando-se aos espaços cotidianos da vida; a quinta, ganha escala e deixa de ser compreendida como “obra introduzida” para tornar-se o próprio lugar; e finalmente, a sexta, é o grupo de obras que exigem participação ativa do espectador.

Em seguida, dois outros textos, amplamente discutidos nos trabalhos das últimas décadas acerca da arte pública foram comentados. *Mapping the terrain. New genre public art* compilado pela artista estadunidense Suzanne Lacy e *One place after another*, da professora e crítica estadunidense Miwon Kwon. O primeiro, advindo de eventos organizados no Museu de Arte Moderna de São Francisco apresenta um panorama da arte contemporânea das décadas de 1960, 70 e 80, indicando novas metodologias de aparição da arte, que passa a incorporar questões socioculturais latentes bem como o engajamento de seu público. Ou seja, estamos diante de um tipo de arte não necessariamente escultórico, localizado em espaços públicos e possível fora dos domínios institucionais; uma arte ativista, cujo produtor, o artista, relaciona-se diretamente com o público, inquirindo-o acerca de questões sociais e políticas.

O texto de Kwon (2004) interroga este mesmo cenário e aponta para três paradigmas da arte pública que vinha sendo observado no contexto norte-americano: arte em praças públicas, arte como espaços públicos e arte no interesse público. As primeiras são caracterizadas por esculturas dispostas ao ar livre para fins meramente decorativos, sobretudo diante de edifícios federais ou torres de escritórios corporativos; a segunda, caracteriza-se pela significativa perda do valor do objeto em si, alcançando maior consciência quanto ao lugar (site) de inserção; buscando “maior integração entre a arte, arquitetura e paisagem através da colaboração de artistas com membros da classe gerencial urbana” em projetos como praças, parques, etc; e a terceira, fenômeno mais recente, consiste em programas focados em questões sociais que caracterizam-se pela efemeridade.

Por fim, questionamos acerca de um futuro que se mostra presente: o que pensar quando as ações de distanciamento social e restrições ao uso do espaço público fossem suspensas? A pandemia poderia criar um panorama para se pensar o espaço público, exigindo dos planejadores e projetistas a criação de um vocabulário ou tipologia que agregassem aspectos como “densidade social, distâncias, aglomeração ou riscos à saúde pública”? Assim como os autores de um estudo pioneiro, lançado naquele mesmo ano da eclosão da pandemia (Honey-Roses et al., 2020), apresentamos aos estudantes a possibilidade de analisarmos a relação entre planejamento urbano, espaço público e bem-estar nas tomadas de decisões para se construir cidades mais saudáveis, que se adaptam ao estresse transitório, mas, principalmente, estruturam-se diante da infeliz perspectiva de novas catástrofes socioambientais.

## Pensar a memória em tempos de pandemia

Especialmente as leituras e debates impulsionados pela conceituação da arte pública demonstraram as divergências em torno da noção de uma política memorial. Para alguns, parte-se das obras de arte escultóricas atreladas a monumentos da Antiguidade, para outros, este fenômeno ganha relevo e contornos mais próximos ao tempo presente com o advento do ferro fundido em meados do século XIX. Independentemente, têm-se através de elementos urbanos notadamente estéticos, a intenção de immortalizar sob a forma de bustos, estátuas, lápides, totens, obeliscos, entre outros, a memória e reverência coletiva diante de figuras, fatos e feitos considerados dignos de eternização histórica.

Recentemente, tanto os traumas quanto as conquistas sociopolíticas coletivas parecem não mais encontrar lastro em tipologias, agora entendidas como autoritárias e distantes do cidadão. Dessa maneira, e imersos também na onda de protestos contra figuras históricas controversas, além de movimentos como o *Black Lives Matter*, o monumento ganha novos contornos, significados e terminologias, como *antimonumentos* ou *contramonumentos* – sem deixar de citar, claro, a terminologia adotada pelo próprio exercício de memorial proposto.

Os discentes foram, assim, investidos a buscar propostas que desde já refletissem o drama coletivo da pandemia de Covid-19, trazendo a tona, não apenas as propostas que partiam de certa institucionalidade, mas também, as advindas da ação propositiva de artistas, arquitetos e paisagistas, nos fazendo remontar à dimensão cidadã ativa na esfera pública desenhada por Arendt (2007). A filósofa, ao discutir as possibilidades da *vita activa* no mundo moderno, relaciona a razão de ser do indivíduo a três atividades fundamentais, desenvolvidas em quatro campos possíveis: labor, trabalho e ação/sobre o político, o social, o público e o privado. A ação compreende uma atividade independente de mediação por coisas ou matéria; é uma “condição coletiva”; atividade exercida diretamente entre os seres humanos. É principalmente através da ação que o cidadão, insere-se e reflete no coletivo desdobrando-se e alcançando os mais diferentes campos: a interação e o convívio social do político; o apaziguamento, a solução dos conflitos e os discursos do social, o encontro no espaço público, tocando até mesmo, a círculo mais íntimo se pensarmos no drama familiar de luto e muitos desafios causados pela pandemia.

Na contemporaneidade, uma “política da memória” enfrenta a sua própria dimensão material. Huyssen (2000), já ao final da década passada chamava atenção para uma “febre” da memória, ou à noção de “passados presentes”. Sua crítica é de homogeneização dos horrores do século XX alçando o Holocausto à metáfora universal para traumas históricos distintos, assim como a globalização da memória, tendo em

vista os museus, espaços de memória e mesmo produtos da indústria cultural como filmes, séries e documentários retratando os horrores cometidos pela Alemanha Nazista. De modo geral, Huyssen admite que a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais por todos os lados, e que apesar de parecer um fenômeno global, os discursos de memória permanecem ligados às histórias de grupos específicos na medida que respondem a questões essencialmente contextuais. Como coloca o autor: "o lugar político das práticas de memória é ainda nacional e não pós nacional ou global", deixando o questionamento se o uso dessa metáfora reforça e limita as práticas de memória e as lutas locais, ou se executa ambas funções ao mesmo tempo (Huyssen, 2000, p.17).

Com o aumento do interesse em projetos de memoriais que se sucedeu desde o final do ano de 2020, ressaltamos estes dois que foram as primeiras referências aplicadas às disciplinas. Nos mais diferentes contextos, pudemos observar a reverência que grupos de artistas, arquitetos e paisagistas manifestaram através de trabalhos artísticos e da produção de mobiliário urbano, como ilustrado pelo "*Memorial Mundial à Pandemia*" e "*R.I.P - Requiescat in Pace (To Remember. To Inform. To Protect.)*".

Em portais especializados da internet, como *Archdaily*, talvez aquele que tenha sido o primeiro a ser anunciado, foi o "*Memorial Mundial à Pandemia*", projetado pelo escritório de arquitetura uruguaio Gómez Platero, para a orla de Montevideú: um "espaço público orientado para a reflexão" que transcende o contexto pandêmico e que busca construir "uma consciência coletiva que nos lembre que o ser humano não é o centro do ecossistema em que vive, pois sempre estará subordinado à natureza". A estrutura circular projeta-se sobre o mar, cujo centro é marcado "por um vazio de onde emerge a natureza em seu estado mais puro, funcionando como um lembrete permanente de que o centro do ecossistema não é o ser humano, mas a própria natureza" (Gómez Platero, 2020, *on-line*, tradução livre).

Outra experiência inaugural foi a proposta do designer brasileiro Leonardo Dias apresentada à competição internacional "*Coronavirus Design Competition*". "*R.I.P - Requiescat in Pace (To Remember. To Inform. To Protect.)*" apresentava três funções principais: permitir o fácil acesso à higienização das mãos pelos transeuntes; humanizar os dados da pandemia e lembrar de suas vítimas; e conscientizar sobre a importância das medidas preventivas como o distanciamento social; tudo por meio de projeções em grandes painéis de LED. A intenção do arquiteto foi projetar um equipamento público ordinário, "tal como bancos e lixeiras e que, mesmo após o abrandamento da situação, permaneça como um equipamento de serventia a medidas sanitárias." (Equipe, 2020a, *on-line*).

Em setembro de 2020, esta ideia foi materializada por iniciativa da Prefeitura de São Paulo. Intitulados "*Totens Urbanos – Memorial Pró-Saúde*" os mobiliários foram pensados "para se adequar a diversos locais e orçamentos", proporcionando "higienização das mãos no espaço urbano com água e sabão obtidos de um *dispenser* ativado por sensor, sem necessidade de toque. Já no corpo da peça são acomodados painéis para comunicação gráfica e textual, servindo de memorial às vítimas e como fonte de informação"(Equipe, 2020b, *on-line*).

Estes exemplares não deixam de ser um esforço coletivo pela formação de "lugares de memória": dar forma e eternizar, referenciando, concomitantemente, a individualidade de vítimas que converteram-se em números, e o trauma coletivo, manifestado pelas crises sociais, políticas, econômicas e urbanísticas que se sucederam. Apesar da complexificação da memória coletiva diante da diferenciação dos grupos sociais atuantes no interior de uma mesma sociedade, como aponta Nora (2008), a pandemia nos fez pensar se, igualmente de encontro à denúncia de Huyssen, este não se trataria de um evento histórico capaz de sintetizar esforços na apresentação, debate e eternização de um trauma coletivo e *globalizado*.

## Explorações sensíveis e híbridas do *Memorial*

Nota-se que o exercício do *Memorial*, uma proposta experimental e inédita no curso de Projeto Paisagístico II, suscitou grande curiosidade e interpretações do corpo discente ao longo de quatro semestres letivos marcados por incertezas, divergências, e, infelizmente, a perda desproporcional de vidas humanas. Um espaço de acolhimento e escape, cuja proposta, além do exercício do projeto paisagístico urbano, visou, principalmente, a sensibilização do olhar deste arquiteto e urbanista em formação diante das problemáticas geradas pela pandemia e manifestadas sobre os espaços públicos – sejam de ordem prática, como o usufruto dos elementos urbanos em tempos de distanciamento social, ou de ordem simbólica, como as políticas voltadas para memória das vítimas, de seus familiares e amigos. Os dois primeiros exercícios da disciplina atravessaram a discussão; o terceiro e último, partiu dessa base para aprofundar as questões em um projeto de memorial.

Lembramo-nos, assim, de um exemplar dos mais paradigmáticos da história recente e que conserva relação com o nosso campo disciplinar e o exercício de projeto. Maya Lin, ainda estudante de Arquitetura, venceu o concurso para a construção do “Memorial aos Veteranos do Vietnã”, explicitando a potencialidade de arquitetos, urbanistas e paisagistas em lidar com o tensionamento dos valores e da forma dessa estrutura tão cara à construção da memória coletiva. Dessa maneira, observamos a gradual interdependência na contemporaneidade entre o lugar, a materialidade, o cidadão, e a consciência do proponente, interagindo em prol de representações eficientes da memória coletiva nos espaços públicos.

Analisando os projetos que responderam entre 2020 a 2022 ao terceiro exercício da disciplina, pudemos notar a recorrência de algumas estratégias e soluções projetuais, assim como narrativas, diante do desafio experimentado. Seja na cidade de Juiz de Fora, ou em tantas outras percorridas pela virtualização da disciplina no período pandêmico, tivemos, majoritariamente, como temas no exercício do memorial: 1) **Estruturas imersivas**, bem próximas à escala arquitetônica e promovendo relações espaciais de interior versus exterior; liberdade versus confinamento; 2) **Percursos interativos**, em especial sinuosos, nos quais os sujeitos são chamados a participação ativa no encontro com a memória das vítimas; 3) **Integração à natureza** através de inserções vegetais ou de sua implantação às margens de recursos hídricos; e 4) **Referências nominais** às vítimas com a inscrição de seus nomes e homenagens textuais nas estruturas ou vedações das instalações.

Muitas dessas intenções reforçam a ideia de que a arte pública, ao superar seu caráter de “monumento”, mimetiza-se à vida cotidiana, assumindo todo e qualquer formato mais efetivo na articulação da tríade obra-sujeito-espaço. A sua manifestação memorial assume, no tempo presente e mais do que nunca, a difícil tarefa de explicitar o caráter político e a função social que a arte pode assumir. Afinal, como defende Melendi (2017, p.16) – e nós, aqui, parafraseando sua obra “*Estratégias da arte em uma era de catástrofes*” –, é “nesse cenário de destroços, [que] a arte parece ser um dos únicos lugares onde é possível interiorizar os conflitos e elaborá-los como experiência”.

## Considerações finais

A trajetória da disciplina de “Projeto Paisagístico II” continua de forma presencial desde maio de 2022, mas a metodologia foi novamente adaptada para uma sequência mais clássica de “diagnóstico-projeto-detalhamento” e com o tema de intervenção em espaço público de lazer na própria cidade, para que os alunos possam vivenciar e compreender o espaço urbano. A arte pública, o mobiliário urbano e os espaços

voltados para a evidência da memória se deslocaram para uma história concreta de disputas territoriais, patrimoniais e simbólicas em torno de terras públicas e privadas. Embora a pandemia tenha recrudescido, parece que as dores que deixou ainda são profundas e precisam ser melhor elaboradas.

Gondar (2000, p.36-38, grifos nossos) situa o desejo pela Memória entre a lembrança e o esquecimento; resultado de uma curiosa interação de forças simultâneas, porém concorrentes. Pensar “em” implica o *esquecer* para, momentaneamente, “despertar-se” de tal esquecimento, sendo, portanto, ação necessária, “não apenas para a evocação da *lembrança* (...) mas para a própria constituição da *memória*”; e para tal, partiremos de escolhas. Tenha-se em vista a instrumentalização da memória pelo poder – tanto individual quanto coletivo – para compreendermos também a política do esquecimento, já que “a própria sociedade deseja ocultar tudo aquilo que pode revelar seus paradoxos, suas falhas, enfim, tudo aquilo que poderia comprometer a imagem – *ficção* – que ela pretende fornecer sobre si mesma”.

Entre o esquecer para lembrar, tomemos, mesmo que ingenuamente, o *esquecer de esquecer* – afinal, insuportável seria a tarefa de tudo lembrar, e aqui, especialmente, o momento pandêmico – para apresentarmos, ao final destes quatro semestres, o resultado de uma experiência calcada na sensibilização do olhar consigo e para o meio, a serviço da difícil tarefa em posicionar a memória mais perto da lembrança que do esquecimento. Os projetos para memoriais seguem valiosos à constante, e necessária, revisão da Memória Social; e em algum lugar imaginado no futuro, eles permanecem como referência de um tempo que pode ter se tornado difícil de se lembrar.

## Agradecimentos

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

Turmas de Projeto Paisagístico II de 2020.1; 2020.2; 2021.1; e 2021.2 do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora que, gentilmente, compartilharam conosco seus anseios e esperanças, materializando os processos ilustrados por este texto.

## Referências

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BALDWIN, Eric. Uruguai construirá o primeiro grande memorial mundial às vítimas do coronavírus. **ArchDaily Brasil** (Trad. Baratto, Romullo), 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946234/uruguai-construira-o-primeiro-grande-memorial-mundial-as-vitimas-do-coronavirus>. Acesso em: 11 jun. 2023.

COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira. Estudo sobre o mobiliário urbano no Rio de Janeiro: a experiência do Projeto Rio Cidade - Leblon e Vila Isabel. In: **V ENEPEA**, Rio de Janeiro, 2000.

CREUS, Marius Quintana. Espacios, Muebles y Elementos Urbanos. In: SERRA, Josep Maria. (org) **Elementos Urbanos: Mobiliario y Microarquitectura**. Barcelona: GG. 1996. p. 6-14.

EQUIPE ARCHDAILY BRASIL. Arquiteto brasileiro propõe equipamento urbano para higienização e informação sobre o coronavírus. **ArchDaily Brasil**. 16 jun. 2020 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/941751/arquiteto-brasileiro-propoe-equipamento-urbano-para-higienizacao-e-informacao-sobre-o-coronavirus>. Acesso em: 22 jun. 2023.

EQUIPE ARCHDAILY BRASIL. São Paulo recebe totens urbanos de conscientização, higienização e memorial às vítimas da Covid-19. **ArchDaily Brasil**. 22 set. 2020 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/948133/sao-paulo-recebe-totens-urbanos-de-conscientizacao-higienizacao-e-memorial-as-vitimas-da-covid-1>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PLATERO, Gómez. **Memorial mundial a la pandemia**: espacio homenaje a la vida y a la naturaleza. In: Gómez Platero Arquitectura y Urbanismo. 2020. Disponível em: <https://www.gomezplatero.com/es/proyecto/memorial-pandemic/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GONDAR, Jô. **Lembrar e esquecer**: desejo de memória. In: COSTA, Icléia; GONDAR, Jô (Orgs.) Memória e Espaço. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

HONEY-ROSÉS, Jordi et al. The Impact of COVID-19 on Public Space: A Review of the Emerging Questions. Charlottesville. **Pré-impressões OSF**. DOI: 10.31219/osf.io/rf7xa. Disponível em: [osf.io/rf7xa](https://osf.io/rf7xa). Acesso em: 15 jun. 2023.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KWON, Miwon. **One Place After Another**: Site-Specific Art and Locational Identity. Cambridge: MIT Press, 2004.

MADERUELO, Javier. O fenómeno da arte nos espaços públicos. In REMESAR, Antoni. **Espaço Público e a interdisciplinaridade**. Ed. Centro Português de Design. Lisboa, 2000.

MADERUELO, Javier. **La idea de espacio en la arquitectura y el arte contemporáneos 1960-1989**. Madrid: Akal, 2008.

MELENDI, Maria Angélica. **Estratégias da arte em uma era de catástrofes**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

SEVCENKO, Nicolau; TSAKRACLIDES, Vasiliki. Entre o paraíso e o inferno. 1998, **Anais Arte Pública**. São Paulo: SESC, 1998, p.136-144.

## RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

**Submetido em 09/10/2023**

**Aprovado em 19/12/2023**